o Diabo

Trabalhamos mais do que a maioria dos europeus, mas recebemos e produzimos menos. Desengane-se, porém, quem pensa que os portugueses são "preguiçosos": a má gestão por parte dos quadros executivos continua a ser uma das principais razões para o nosso atraso. Agora, até os académicos de Harvard nos avisam: o excesso de trabalho descontrolado e caótico do sempre mau resultado, tanto para os trabalhadores como para as empresas.

Por vezes diz-se que Portugal tem de evoluir para o século XXI, mas olhando para o panorama empresarial nacional concluí-se que muitos dos patrões portugueses ainda precisam de avançar para o segundo metade do século XIX antes de darem o passo seguinte.

Somos, actualmente, dos países do mundo desenvolvido onde se trabalha mais horas por dia e, no entanto, a nossa produtividade é das mais baixas. Em média, cada trabalhador português produz uma riqueza de 33 euros por hora de trabalho, muito abaixo dos 50 euros de média da Zona Euro e dos 69 euros da média da OCDE. Para fins de comparação, nalém-de que um grego produz 36 euros, ars espanhol 51 euros, um irlandês 63 euros, um suíço-americano 67 euros. Países cómo a Turquia ou a Hungria estão perto de nos ultrapassar.

E, no entanto, trabalhamos em média quase 1.857 horas por ano, muito mais do que os alemães, que trabalham 1.371 horas, os britânicos, que se ficam pelas 1.677 horas, e até mesmo os espanhóis, que trabalham em média 1.689 horas por ano. Para toda esta "trabalheira", o PIB per capita de Portugal é o mais baixo da Europa Ocidental, e temos o sexto pior poder de compra da Zona Euro. Nota histórica: que não pode ficar esquecida: os portugueses trabalham hoje quase tantas horas como durante os últimos anos do Estado Novo. Em 1973, um trabalhador nacional dava ao patrão, em média, 2.008 horas por ano, um valor que estava quase na média da OCDE de 1.997 horas.

Desde então, muitos países da Ocidente diminuíram consideravelmente a sua carga laboral enquanto aumentavam a sua produtividade. Mas Portugal ficou para trás. Hoje, a média europeia é de 1.770 horas anuais, e países como o Reino Unido e a Suécia conseguiram cortar entre 300 e 400 horas de trabalho ao mesmo tempo que aumentavam várias vezes a produtividade. Em 1973, cada trabalhador produzia 5,7 euros por hora de trabalho, 75% do valor espanhol. Em 2014, a relação baixou para 48%. Em comparação, a Irlanda partia de uma situação ainda pior em 1973, e tem hoje o dobro da produtividade.

Outros modernizaram-se, mas Portugal preferiu consagrar leis laborais de inspiração ideológica que acabaram por ser letra morta. Os benefícios que cantam" foram apenas para alguns, nomeadamente o sector público altamente sindicalizado.

Crise social

Em termos sociais, este excesso de horas de trabalho tem uma repercussão imensa a vários níveis. Segundo inúmeros indicies de avaliação social, os portugueses são dos povos com uma das taxas de "stress" mais elevadas entre os países desenvolvidos. Por outro lado, a taxa de natalidade atingiu níveis baixíssimos, e não são poucas as associações e instituições que alegam que uma das principais causas é a falta de horário para criar os filhos com a necessária dedicação.

Todos os anos as associações de pais defendem ainda mais tempo de permanência das crianças nas escolas, simplesmente porque os pais não têm disponibilidade no seu dia-a-dia para cuidar delas. Felizmente, a família portuguesa ainda é uma das "forças vivas" da nação que não sucumbiu totalmente às forças da "pseudo-modernidade" que nos querem impingir, mas há um limite para a ajuda que os avós conseguem dar.

Resultado final: um trabalhador de outro país mais modernizado consegue conciliar todos os aspectos da sua vida social, familiar e laboral, ao mesmo tempo que produz bastante mais por dia do que um português.

Esse excesso de coisas é também negativo em termos de produção nacional, reflectindo-se na saúde das próprias empresas, em muitos dos quais os administradores pensam que "ingenuíce" ao impormm longas horas de trabalho aos seus funcionários. Mas essa "ingenuíce" acaba por revelar-se apenas idiota.

Um dos cerebros académicos do capitalismo mundial (logo, lenta de qualquer conotação à esquerda minoritalitativa), a famosa Universidade de Harvard, analisou a questão e, recentido toda a pesquisa feita na área ao longo de décadas, chegou a uma conclusão cerebral: "horas longas de trabalho dão maus resultados para as pessoas e para as empresas".

Os académicos de Harvard não descobriram a pólvora: cisma eles! projectos recordarão. Tais e algo que o mundo empresarial aprendeu há muito tempo. No século XIX, quando os trabalhadores conseguiram que os donos das fábricas limitassem o dia de trabalho a 10 (e eventualmente 8) horas, os administradores descobriram, para sua grande surpresa, que a produção aumentou em vez de diminuir, e que os erros e acidentes, que geralmente ocmam custos elevados, diminuíram".

Infelizmente, esta constatação aplica-se mais aos países ocidentais do que ao nosso. Em Portugal, até muito tarde, o gestão não era, na generalidade, uma tarefa científica e baseada em factos, como no resto do mundo. Aliás, como indicam os dados da balcicolme produtividade nacional, a gestão de recursos humanos portuguesa foi sempre medíocre. Hoje, nos anos 30 é o era primeira metade dos anos 70, a crescimento baseia-se em mão-de-obra barata e muito prolongadas, muitas vezes em incumprimento das leis laborais ainda vigentes.

Enorme disparate

Alguém trabalho tinha sido feito no sentido de modernização, no período da abertura do País aos mercados internacionais, nomeadamente entre o final dos anos 80 e 1974, mas a revolução de Abril trancou esses esforços. Pasie ao antor revolucionário, Portugal enfrentou a primeira e infelizmente não última fuga de cerebros. Milhares de novos gestores de qualidade, formados nas universidades portuguesas, fugiram, muitos deles para o Brasil, onde abriram negócios e empresas de sucesso. Alguns nunca voltaram.

Nos anos seguintes, as empresas públicas foram, como a recente bancarrota mostrou, continuamente mal geridas, e as empresas privadas não andaram muito longe. Muitas operavam como complexos semi-públicos, sendo maniatalmente privadas mas dependendo do Estado para vendas e contratos lucrativos. As infames "derrogações ao parecetas" encheram os bolsos de muitos "gestores" de nossa praça. A palavra "gestor" perdeu-se, posteriormente, uma conotação negativa, indicativa de alguém que trabalhava pouco, tinha ainda menos conhecimentos sobre como gerir a empresa de que os funcionários e era socialmente irresponsável e cruel. "Gestor público", por isso mes, tornou-se quase um insulto entre os portugueses que foram de fora deste esperma.

Este paradigma continua hoje. Grande parte do trabalho criado nos nossos dias anda a de boa qualidade, exceto quando se trata de posições de responsabilidade ou criatividade. Não é raro encontrar-se na portas de empregos provas de candidatos, engenheiros e enfermeiros aos quais são oferecidos o ordenado mínimo e muitas horas de trabalho. Para a maioria dos jovens, horários de trabalho confrome estabelecido na lei de trabalho são uma ficção: muitas trabalham 10 a 12 horas por dia, outras ainda mais.

A conclusão de Harvard é que este é um enorme disparate, especialmente em posições que exigem "comunicação interpessoal, decisões críticas, ler as reacções das outras pessoas, ou mesmo gerir as nossas próprias emoções" – sublinha o estudo académico, que resseina worse esses "caracteristicas exigidas pelo local de trabalho modernos".

Segundo os investigadores de Harvard, apenas 1 a 3 por cento da população mundial consegueem não perder produtividade quando dormem 5 a 6 horas por dia. Os portugueses são dos povos que menos horas dormem por noite na Europa Ocidental, e o elevado nível de "stress" em que a nossa sociedade vive combate a uma situação em que a insónia já afecta 15% dos nossos trabalhadores.

Oportunidades desperdiçadas

Numa época em que é necessário procurar a competitividade, cisma muitas empresas de qualidade em Portugal ficaram, outras simplesmente estagnam o excelente capital de qualificações que foi construído, com muito suor, por gerações de portugueses.

A esquerda, também ela culpada em grande parte pela nossa falta de competitividade e práticas de negócio modernas, atira as culpas da recente "fuga de cérebros" para o Governo. Segundo o estudo "Fuga de Cérebros: a Mobilidade académica e a Emigração Portuguesa Qualificada", mais de metade dos inquiridos saíram não por estarem desempregados, mas sim por não terem direito a um ordenado condigno às suas funções, condições de trabalho decentes e horas de trabalho adequadas.

O custo total de perda destes portugueses é equivalente a 9,8 mil milhões de euros. O mantender oferecido a cada ano aos países que recebeiam estes diplomados representa o que o Estado Português gastaria com o ensino superior público em dez anos!

Ou seja, Portugal entrega de bandeja este valor a outros países, e muitos dos "cérebros" reclamam já estão a desenvolver novas tecnologias e a criar riqueza para os seus novos países de atracção. Contrariando a ilusão de conquista de um certo socialista geral de um determinado partido que tem por endémica a mais cerca dos ilusos, segundo o qual os jovens regressarão se lhes forem criadas as condições, a maioria indica que já não tem qualquer desejo de voltar. Dinheiro gasto em universidades que acabou por ser a fonte perdida.

Portugal arrisca-se a voltar ao Brasil o título de "país de fotura, que sempre o será".

TWITTER FACEBOOK GOOGLE+

< PREVIOUS ARTICLE
Cultura de direita e conservadorismo

NEXT ARTICLE >
Brasil de Dilma já não sorrisa

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...

2 Comments
Jornal Diabo
Login
Recommend
Share
Sort by Best
Join the discussion...
Tabéra mintnes, sarrvi;os rerimnco. Por cerca de bás esarra à hora estão à espera de milagres, não?
Reply Share
Os portugueses no estrangeiro têm uma produtividade superior ao dos outros populações. O que acontece em Portugal é que se contabilizam as horas de trabalho efetivadas mas uma grande parte da produção não é declarada. Devemos de nos considerar um país de coitadinhos
Reply Share
ALSO ON JORNAL DIABO
Isolamento de Costa vai custar-nos caro
— o que aconteceu ao O Independente, o semanário jornal e um pasquim de fraca qualidade, com a...
Marcelo quer economia a crescer
— ESPERARAMARAMARAM